



# UNVEILED

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR  
**JANE HENRY**

# Índice

[Página de título](#)  
[Direitos autorais](#)  
[Agradecimentos](#)  
[Dedicação](#)  
[Conteúdo](#)  
[Sinopse](#)  
[Capítulo 1](#)  
[Capítulo 2](#)  
[Capítulo 3](#)  
[Capítulo 4](#)  
[Capítulo 5](#)  
[Capítulo 6](#)  
[Capítulo 7](#)  
[Capítulo 8](#)  
[Capítulo 9](#)  
[Capítulo 10](#)  
[Capítulo 11](#)  
[Capítulo 12](#)  
[Capítulo 13](#)  
[Capítulo 14](#)  
[Capítulo 15](#)  
[Capítulo 16](#)  
[Capítulo 17](#)  
[Capítulo 18](#)  
[Capítulo 19](#)  
[Capítulo 20](#)  
[Capítulo 21](#)  
[Capítulo 22](#)  
[Capítulo 23](#)  
[Capítulo 24](#)  
[Capítulo 25](#)  
[Capítulo 26](#)  
[Capítulo 27](#)  
[Capítulo 28](#)  
[Capítulo 29](#)  
[Capítulo 30](#)  
[Capítulo 31](#)  
[Capítulo 32](#)

[Epílogo](#)  
[Epílogo bônus](#)  
[Visualização](#)  
[Conheça Jane](#)

Revelado  
UM ROMANCE DE CASAMENTO ARRANJADO E  
MÁFIA SOMBRIO

REIS BRATVA  
**JANE HENRY**



[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

Revelado: Um Romance Sombrio da Máfia de Casamento Arranjado

Copyright © 2025 por Jane Henry

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra literária de ficção. Quaisquer nomes, lugares ou incidentes são produto da imaginação do autor.

Semelhanças ou semelhanças com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos, são mera coincidência.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, digitalizada ou distribuída de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito do autor, exceto pelo uso de breves citações em uma resenha de livro.

A reprodução, transmissão, distribuição ou uso não autorizado de obras protegidas por direitos autorais no treinamento de Inteligências Artificiais (IA) é ilegal e uma violação da lei de direitos autorais dos EUA.

ISBN: 978-1-961866-28-7

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

## AgraDecimenTos

Eu adoraria agradecer às pessoas que ajudaram a dar vida a este livro e a colocá-lo em suas mãos!

- Primeiro, The Book Brander Boutique por dar vida à minha visão de Semyon Kopolov na edição de capa alternativa de *Unveiled* , assim como Jason O'Bannon por criar a edição de capa discreta de *Unveiled* .
- Para minha incrível editora Steph da KLS Literary Services, pelo seu humor, feedback e paciência, me ajudando a trabalhar nesta história e minhas infinitas perguntas.
- Para Becca Mysoor, a “Mãe do Enredo de Fadas”, por seu feedback indispensável durante o processo de escrita deste livro.
- À minha equipe de rua pelo apoio incansável, incentivo e feedback!
- E como sempre, obrigada a Jessie e Michael por me apoiarem e fazerem tudo para que eu possa me concentrar no que mais amo fazer: contar histórias.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

*Ao meu marido, Sr. Henry, que me lembra todos os dias que o amor não exige igualdade — ele floresce na compreensão, na aceitação e na plena compreensão um do outro. Este herói, com todas as suas peculiaridades, é para você... e meu chacra sacral agradece.*

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

# Conteúdo

[Sinopse](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Epílogo](#)

[Epílogo bônus](#)

[Visualização](#)

[Conheça Jane](#)

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

## Sinopse

Semyon Kopolov.

Lindo e formidável.

Minha paixão de infância e melhor amigo do meu irmão.

Eles o chamam de Rei Gelado — frio, implacável, implacável.

Ele é a razão da morte da minha mãe.

Agora ele é meu marido.

Ele já foi meu protetor.

O garoto que me carregou quando eu caí e jurou me proteger dos monstros.

Até que ele se tornou um.

Forçada a me casar, estou presa com o homem que juro que nunca perdoarei.

Mas quanto mais tento escapar, mais forte é a minha queda.

Meu corpo me trai e meu coração sussurra mentiras.

Digo a mim mesma que ele não é mais o garoto que eu amei,

Mas sou forçada a encarar meu maior medo:

Estou me apaixonando pelo meu inimigo.



# Capítulo 1

## SEMYON

BALANÇO a cabeça e saio do armazém, sentindo o frio implacável do inverno moscovita me atingir. Aperto meu casaco e olho para o relógio.

Atrás de mim, ouço os sons reveladores de Rodion limpando a bagunça que deixei — o arrastar pesado de um corpo pelo chão, o baque surdo de uma arma batendo no chão e seu assobio inconfundível e despreocupado. Como um dos sete anões.

Somente meu irmão assobiava enquanto comandava a equipe de limpeza.

Mas ele é impecável, confiável e se orgulha do que faz.

Eu não estava planejando dar uma surra antes do grande evento beneficente que eu deveria comparecer, mas aqui estamos .

Deslizando para o banco do motorista, abaixo o espelho para me olhar. Minhas mãos estão limpas, meu terno está impecável e nem uma gota de sangue mancha o tecido. Ótimo.

Meu telefone vibra, o toque é inconfundivelmente do Rafail. "Onde diabos você está?"

"Demorou mais do que eu pensava." Meu maxilar se contrai enquanto ligo o motor. O babaca tinha mais garra do que eu esperava, e eu não deixaria o Rodion intervir. Eu luto minhas próprias batalhas.

"Como foi?"

"Tão bom quanto se pode esperar. O trabalho está feito." Solto um suspiro e olho para as horas. "Tenho dez minutos para chegar elegantemente atrasada."

"Ótimo." Há uma pausa. Longa demais. Percebo imediatamente que algo está errado. Ele não ligou para ter certeza de que eu estava cuidando de um serviço. Rafail sabe que não é bem assim.

"Rafail. O que foi?"

Meu irmão mais velho e eu somos muito unidos desde que ele se tornou nosso tutor legal após a morte dos nossos pais. Ele governou nossa família com punho de ferro, e como o segundo mais velho, sou seu braço direito. Não perdemos tempo nem palavras explicando as coisas um ao outro.

"Tenho más notícias."

Ao fundo, ouço Polina, sua esposa, murmurando em voz baixa e suave. Ela sussurra algo em russo, e Rafail resmungo de volta antes de falar comigo novamente.

Eu cerro os dentes. Detesto chegar atrasado a qualquer coisa. Eu entro na tomada Digite o endereço no GPS e dê ré. Rodion chegará lá sozinho.

Quando Rafail não me conta na hora, minha paciência começa a se esgotar. "Quer me contar, ou você e Polina precisam ter uma conversinha de travesseiro primeiro?"

"Semyon", Rafail diz em tom de advertência. Ele aceitaria qualquer provocação que eu fizesse, mas se envolvesse a esposa, ele ficaria furioso. Justo.

Coloquei o carro em movimento e entrei na estrada lentamente antes de acelerar.

"Acabei de dar um chute na boca de alguém enquanto me certificava de não sujar de sangue essa porra de camisa branca, Rafail. Paciência? Pronto."

Rafail suspira pesadamente do outro lado da linha. "Elizar Borozov foi avistado em um avião rumo à Costa Rica há doze horas. Ele te ferrou. Tivemos dois carregamentos emboscados e nosso esconderijo de reserva exposto por causa dele."

Aperto o volante com mais força, uma névoa vermelha nublando minha visão. Eli. Meu amigo de merda. O garoto com quem cresci. Aquele em quem eu confiava. Se foi, nos traindo no processo.

"Temos certeza de que ele foi embora?" Minha melhor amiga tem tantos inimigos quanto eu.

"Sim."

Olho para o GPS. Faltam dez minutos. Minha voz fica mais baixa, fria e venenosa.

"Então, vou embarcar para a Costa Rica hoje à noite."

Já estou vasculhando as ruas mentalmente.

"Não. Eu queria falar com você primeiro."

"O que há para falar? O Eli deveria nos dar os detalhes do carregamento e do vazamento da segurança do porto em troca do perdão da sua maldita dívida. Isso era literalmente tudo o que ele precisava fazer para tirá-lo da nossa lista negra. E agora você está me dizendo que ele se foi? Desapareceu, ainda nos devendo quatro milhões?"

Essa é pessoal.

Passávamos todas as tardes perto do riacho em Zalivka, a cidade nos arredores de Moscou onde nós dois crescemos, jogando pedras e subindo em árvores, jurando que nada jamais nos separaria.

Foi para ele que chorei quando meus pais morreram. Na adolescência, comprávamos preservativos um para o outro e pegávamos as armas emprestadas. Atiramos perto do riacho até que o Rafail nos pegou e chutou a bunda dos dois. Não paramos — só ficamos mais discretos.

Mas a bebida chegou fácil demais. As mentiras eram mais difíceis de detectar. Eu deveria ter previsto tudo.

Mando uma mensagem para Eli, mas vejo a mensagem ficar parada antes de não ser entregue.

Depois de todos esses anos, depois de tudo que passamos, ele me *traiu*. Todos nós.

Como se a família dele pudesse pagar por isso.

"O problema é maior do que isso, Semyon." Meu pulso bate forte e rápido. Solto um suspiro enquanto ele explica. "O pai de Eli não conseguiu pagar os irlandeses, então deu a filha como garantia. Se os irlandeses levarem ela e a padaria, eles terão acesso ao porto — perigoso para nós." "

Eu sei que Rafail se importa com o maldito porto, mas estou preso em *Anya*.

*Os irlandeses. Os irlandeses do caralho*. Nossos rivais, sempre procurando uma brecha.

Rafail continua: "Como não conseguiu pagar, colocou Anya como fiadora do empréstimo."

Silêncio. Então, um rugido nos meus ouvidos. Minha visão se turva. O volante range sob minhas mãos.

*Anya. Cristo.*

Bato o punho no painel, o plástico rangendo com a força. Minha respiração sai em rajadas curtas e bruscas. Eles acham que podem pegá-la? Acham que podem tocá-la?

Rafail continua falando, mas eu mal o ouço. Meu coração dispara, meu pulso dispara. Anya, nas mãos imundas e ensanguentadas dos malditos irlandeses. Eles a despedaçariam. A destruiriam.

Rafail continua: "E aos olhos dos irlandeses..."

"Um contrato é um contrato", termino com os dentes cerrados.

Os irlandeses estão circulando como abutres. Se chegarem primeiro ao Borozov e tomarem a padaria, reivindicam acesso ao porto... e a Anya.

*Anya Borzova*. Irmã mais nova de Elizar Borozov.

A menina que costumava perseguir vaga-lumes perto do riacho, o brilho deles refletido em seus cabelos rebeldes, sua risada me fazendo sorrir quando o mundo parecia sombrio e sem esperança. A menina que me olhava com olhos tão arregalados e confiantes, faria meu coração doer. Ela coraria furiosamente e correria sempre que cruzasse meu olhar.

Eu a vi crescer de uma criança tímida e sardenta para uma mulher teimosa, com muita luz e inocência para este mundo. Eu a mantive à distância.

Eu *precisei*.

Ela era proibida. Intocável. Eu dizia a mim mesmo que era para protegê-la, mas a verdade era muito pior: eu a queria demais. Ela não pertencia a este mundo — ao meu mundo — e quanto mais ela se aproximava, mais eu sabia que a arruinaria. Eu sabia o quão facilmente a corromperia. Na minha cabeça, se ela ainda fosse a irmã mais nova da minha melhor amiga, ela estaria *segura*.

Se eu pudesse fingir — se eu pudesse congelá-la no tempo, guardá-la na minha memória como a criança inocente que amava livros mais do que pessoas e sonhava com mundos maiores que o nosso — talvez ela permanecesse intocada por esta vida.

*Por mim.*

Minha mente rapidamente coloca tudo no lugar como as peças de um tabuleiro de xadrez.

"Temos uma opção, Semyon, mas preciso da sua adesão."

"O que é isso?" Xinguei baixinho, segurando o volante com mais força.

"Pagamos a dívida de Borozov em troca da mão da filha dele em casamento." Uma pausa. "Ela é uma opção."

*Ela nunca poderia ser uma opção.*

"Ela é uma criança do caralho."

"Ela era quando você a conheceu. Agora não é mais. O casamento com Anya garante a padaria e, com ela, o porto. Fortalece o poder da nossa família e acaba com os irlandeses."

Balanço a cabeça, grata por ele não poder me ver agora. Minha função é protegê-la, não usá-la neste jogo sem fim.

Fico em silêncio por longos momentos, incapaz de responder.

*Anya*. Linda, teimosa, voluntariosa e brilhante. Lembro-me dela sentada no canto do quarto com o nariz sardento enrugado de concentração, lendo livro após livro e ignorando suas tarefas, quando não estava arriscando o pescoço perto daquele riacho idiota.

Cerro os dentes enquanto Rafail continua. "Você se casa com ela. Herda a padaria, e ela se torna nossa. Tiramos esse peão das mãos gananciosas dos Irlandeses e, de lá, controlamos as rotas que eles estavam farejando. Fortalecemos nosso domínio sobre a região."

Mal o ouço. Só consigo pensar em Anya.

*Case-se com ela.*

Um forte aumento de sangue percorre minhas têmporas enquanto minhas mãos apertam o volante. Meus dentes rangem. "Anya cresceu, o irmão dela fez inimigos — nossos e de outros — e ela está por aí." Engulo em seco. "Sozinha. E os irlandeses estão prestes a levá-la."

"Sim."

"Ligue para o pai dela", eu retruco. "E o Rafail?"

"Sim?"

"Faça a ele uma oferta que ele não possa recusar."

Desligo e ligo o motor.



## Capítulo 2

### ÂNIA

BOCEJO TANTO que meus olhos lacrimejam, e então me assusto para acordar. Acordei antes do sol nascer e fui até a padaria no escuro, onde encontrei um dos nossos fornos quebrado e um aviso sobre o aumento no preço da farinha. Agora, Stefan precisa de ajuda com a lição de casa.

Minha cabeça lateja e minha visão fica turva. A rotina incessante faz com que uma boa noite de sono pareça um sonho.

Mas minha família precisa de mim.

"Não consigo me lembrar de como se faz isso", admito, desgostosa, enquanto deixo o lápis cair sobre a mesa. Os números na página flutuam diante dos meus olhos, zombando de mim. Eu já fui uma boa aluna — boa o suficiente para deixar meus professores orgulhosos. Minha mãe. Mas agora, o peso de manter a família à tona transformou meu cérebro em mingau.

Por que isso é muito mais difícil do que era antes? então?

"Anyá", suspira Stefan. "Preciso resolver isso!" Seus olhos ficam turvos com lágrimas não derramadas. Ele suspira novamente. "Vamos lá. Você é inteligente."

Inclino-me e bagunço seus cabelos com um sorriso irônico. "Obrigada. Vamos praticar a ortografia depois e voltamos a isso. Talvez alguma coisa faça sentido."

Não consigo deixar de olhar para a sala de estar, além do papel de parede descascado e da pilha de pratos na pia que ainda não lavei, onde meu pai está afundado em uma cadeira com uma garrafa vazia de vodca.

*Ele não vai ajudar com a lição de casa hoje à noite.*

"Onde está Eli?"

"Quem sabe", murmuro, balançando a cabeça e mordendo o lábio antes de dizer: *quem se importa?* Que eu me importe, o Eli pode ir se foder. Ele não passa de uma cópia mais jovem do meu pai. Mas não digo isso em voz alta. O Stefan o idolatra.

Stefan cruza os braços sobre o peito. "*Ele sabe como fazer isso.*"

"Bem, ele não está aqui", eu digo bruscamente, me levantando enquanto a culpa me atormenta. Não é culpa dele. Viro-me para ele e aperto seu ombro. Com apenas oito anos, não é culpa dele.

Suspiro. "Desculpa", sussurro. "Trouxe biscoitos da padaria para você."

Seus olhos brilham. "Chocolate?"

"Mmm. Continue trabalhando no resto dos problemas. Às vezes, você tem que deixar a parte que não consegue resolver e trabalhar no que pode." Antes de me virar para a louça, pego a saco de papel e colocou-o na frente dele. "Aqui. Talvez isso ajude na sua concentração."

Ele sorri, perdoando meu temperamento explosivo, enquanto tira alegremente um biscoito do saco e dá uma mordida enorme, com migalhas voando para todos os lados.

Suspiro e vou até a máquina de lavar. Vou jogar uma carga de roupa para lavar e deixar escorrendo enquanto lavo a louça.

Meu pai resmunga algo ininteligível baixinho. Olho para ele com curiosidade. Juro que ouvi algo como: "Leve-a".

Levar quem?

O que sobrou do meu salário está no balcão, esticado entre aluguel, comida e roupas para Stefan. Tenho sorte de ainda caber nas roupas velhas da minha mãe, mas juro que Stefan cresce dois centímetros por dia.

Pego o monte de toalhas limpas da secadora e as empilho em uma cesta. Inspiro profundamente e solto o ar. Um momento roubado de silêncio. Preciso colocar Stefan na cama logo para que eu mesma possa ir dormir. Quatro horas da tarde chega cedo demais.

Onde está o Eli? Ele disse que estaria na padaria antes de fechar, mas nunca apareceu. Ultimamente, ele tem sumido por horas, às vezes dias, e sempre volta exausto e arrependido. Eu meio que esperava que ele estivesse aqui com meu pai, virando a vodca, mas o silêncio parece mais pesado do que o normal.

Algo está errado. *Muito* errado.

Franzo a testa, olhando para o cesto de roupa suja. As roupas do Eli estão no cesto dele, já que não vou lavar as dele. Empurro-o para longe quando algo faz barulho. o chão.

Fico olhando para ele enquanto os pelos da minha nuca se arrepiam. É o celular do Eli.

Tem alguma coisa... errada com isso. Atendo, prendendo a respiração. Eli nunca deixa o celular para trás.

"Anyá! Você queria o outro biscoito?"

"Pegue", murmuro distraidamente enquanto pego o telefone.

Por que ele deixou isso? Não faz sentido...

Digito o aniversário dele e vejo a mensagem ganhar vida. Previsível. Franzo a testa para a bateria piscando — quase descarregada — e a conecto a um carregador no canto da pequena lavanderia.

Há treze mensagens de texto não lidas e o mesmo número de chamadas perdidas. Sinto um arrepio na espinha ao ver o nome *Semyon*.

Meu estômago embrulha enquanto rolo a lista. Não faz sentido. Se o Eli foi embora, por que não tentou entrar em contato comigo? Ou será que é porque... ele não consegue?

Olho novamente para o nome na tela.

*Semyon Kopolov* .

O melhor amigo do meu irmão. Meu inimigo mortal. O homem que destruiu minha família e é responsável pela morte da minha mãe.

Minha visão fica turva. Meus dedos tremem. Eu não deveria abrir. Eu deveria jogar esse maldito telefone do outro lado da sala e destruí-lo.

E ainda assim, com uma respiração que não consigo recuperar, clico nas mensagens.

**Semyon**

Quatro milhões, porra. Não dou segundas chances. Estou indo cobrar.

**Semyon**

Você nos traiu. Eu não vou perdoar isso.

### **Semyon**

Pague ou eu levo mais do que a padaria. Você não vai gostar do que sobrar.

Olho fixamente, meu peito apertando, as palavras afundando como um golpe. *Mais do que a padaria?*

O que mais ele poderia aguentar? Não nos *resta* mais nada — só este apartamento caindo aos pedaços, um negócio falido e um ao outro. Meu coração dispara de fúria. Semyon *sabia que* Eli não poderia retribuí-lo, e deixou a situação se agravar até chegar a esse ponto.

*Ele planejou isso* . E agora minha família está na mira.

Guardo o celular no bolso com o coração apertado. Elizar me irrita, mas ele é meu irmão. Não tenho ideia de onde ele está, mas, como ele deixou o celular ali, só posso presumir que ele fugiu.

A menos que ele esteja machucado...

A raiva ferve em minhas veias. Primeiro, contra meu irmão por nos deixar nessa situação. Depois, contra Semyon, que deixou meu irmão acumular essa dívida absurda.

Não falo com Semyon há *anos*.

*Anos* .

Mas agora... eu posso encontrá-lo. Eu tenho que encontrá-lo. Eu não deveria — Deus sabe que eu não deveria — mas o celular do Eli queima na minha mão como uma arma carregada. Se eu não fizer nada, perderemos o pouco que nos resta. A padaria, o apartamento, o futuro do Stefan — perdidos. Tudo perdido.

Prometi à minha mãe que protegeria Stefan custe o que custar. Foi minha última promessa antes de ela morrer.

Respiro fundo e digito as palavras que selarão meu destino. Pego o celular do meu irmão, com os dedos tremendo enquanto digito uma mensagem para Semyon.

Onde você está?



## Capítulo 3

### ÂNIA

QUANDO EU ERA PEQUENA, minha mãe costumava me chamar de seu pequeno vagalume. Por ser tão pequena, eu praticamente voava pela casa ou pelo quintal, pulando pedras perto do riacho ou subindo em um dos enormes bordos que davam para o nosso quintal. Mas se eu me irritasse — geralmente com meu irmão mais velho ou com a injustiça de alguma situação — meu temperamento explodia.

"Cuidado, meu pirilampo", ela dizia depois de mais uma das minhas birras, passando a mão pela minha nuca e pelos meus cabelos. "Um dia, esse temperamento pode te causar problemas. E eu nem sempre estarei aqui para te salvar."

Sua voz ainda ecoa em minha mente, cada palavra uma reprovação fantasmagórica enquanto puxo seu casaco surrado com mais força em volta dos meus ombros e enfrento o vento cortante.

Ela se foi e eu falhei com ela.

Está tão frio que sinto como se minhas narinas estivessem seladas quando respiro; qualquer pedaço de pele exposta dói quando o vento sopra. toca. Mas não temos carro há anos, e eu não tenho dinheiro para alugar um. O vento me corta, roubando o ar dos meus pulmões, mas não consegue competir com a tempestade no meu peito.

Cada passo em direção ao pub é uma batalha — contra o frio, contra a dor nas pernas, contra a fúria que me dilacera.

Cada respiração congelada é uma promessa: *farei com que ele me ouça.*

Talvez a caminhada de um quilômetro até o pub acalme meu temperamento explosivo. Sua resposta foi imediata.

*Bétula de Ferro. Venha agora e venha sozinha.*

Ah, eu vou sozinha, tudo bem. Quem mais eu levo? Eu e meu bando de aliados e melhores amigos? Desde que tive que largar a faculdade e trabalhar nos negócios da minha família, meu tempo com os amigos diminuiu para quase nada. A Ophelia é a única que sobrou. E embora eu saiba que ela atenderia se eu ligasse a qualquer hora do dia, também sei que ela fará o possível para me dissuadir do que estou prestes a fazer.

Raiva e desespero são combustíveis poderosos.

Tenho que confrontá-lo.

"E aí, linda. Precisa de uma carona?" Tremo e mantenho a cabeça baixa, ignorando um homem parado na porta. Estou tão desesperada por calor que quase cogito a ideia, mas consigo manter um pouco de respeito próprio.

Olho para o número do prédio à minha esquerda. Apenas cinquenta falta mais.

"Ei", ele me chama, mas não me segue. Apresso o passo.

Quando chego ao Iron Birch, estou tremendo, desganhado e mais irritado do que antes de partir. Como ele e sua família idiota *ousam* vir atrás da minha? Depois de tudo o que ele nos fez?

*Como ele ousa ?*

Abro a porta do bar com um empurrão. Ela balança nas dobradiças, e o sino no teto tilinta. A conversa diminui, mas quando as pessoas lá dentro veem que sou só eu, elas rapidamente voltam ao normal. Sou baixo e franzino, e dificilmente alguém com quem qualquer um deles se importaria. Mas não me importo. Minha mãe sempre dizia que as coisas boas vêm em embalagens pequenas, e Semyon Kopolov está prestes a encontrar um igual.

*Eu o odeio.*

Eu o odeio por arruinar minha família. Eu o odeio por arrastar meu irmão para a depravação do seu mundo, por ignorar os apelos da minha mãe para manter meu irmão fora disso. Eu o odeio por puxar o gatilho que causou a morte da minha mãe.

E agora eu o odeio por colocar minha família nessa situação.

Então, vou direto ao barman, que me olha com leve curiosidade. Um homem de cinquenta e poucos anos, com cabelo curto e grisalho, segura uma caneca de cerveja enquanto a seca. "Posso ajudar?"

Inclino-me, apoiando-me no balcão laqueado e brilhante do bar. "A família Kopolov está me esperando."

Seus olhos azuis brilhantes se arregalam enquanto ele processa meu pedido. Inclinando-se para mais perto de mim, sua voz diminui para um sussurro, e Ele gesticula para que eu me aproxime. "Tem certeza disso? Se estiver com problemas... se precisar de ajuda..."

Lambo os lábios e engulo em seco, completando a frase. "Não haveria nada que você pudesse fazer a respeito. Haveria?"

A resposta dele é tudo o que preciso. Solto um suspiro e pisco para conter as lágrimas. Eu não esperava gentileza num momento como este, e isso quase me destrói. "Me diga onde eles estão, por favor."

Colocando o copo no balcão, ele acena com a cabeça e aponta para um corredor atrás de si. "No final daquele corredor, terceira porta à esquerda." Ele solta um suspiro. "Cuidado."

Meu coração dispara enquanto corro pelo corredor. A porta nem está fechada, escancarada para qualquer idiota ver. Respiro fundo. Imagino minha mãe e aproveito um momento para esfregar a palma da mão no tecido do casaco que ela usava, uma âncora fugaz para acalmar meus nervos. Levanto a cabeça e vou direto para a cova dos leões.

Os estalos agudos e sincronizados das armas sendo engatilhadas cortam o ar. Parece que todas as armas na sala estão apontadas para mim, o metal frio refletindo o olhar implacável dos homens que as seguram.

A sala em si parece uma arma carregada, o peso do olhar de cada homem me pressionando. Meu coração bate como um tambor de guerra enquanto o silêncio se estende. E então eu o ouço, sua voz afiada o suficiente para cortar diamantes.

*"Armas no chão."* Eles obedecem imediatamente.

Não recuo sob o peso do seu olhar. Dou um passo à frente. *Não vou* recuar. abaixo.

Semyon está sentado à cabeceira da mesa, seus olhos azuis-gelo fixos nos meus. O calor que eu lembrava desapareceu, e em seu lugar, nada além de um frio penetrante e implacável.

Por um momento, esqueço o perigo. Esqueço as armas, os homens, os riscos e a minha missão. Porque lá está ele — o garoto que eu conhecia, agora o homem que odeio.

Como ele ainda pode fazer meu coração doer depois de tudo o que ele fez, depois de tudo o que aconteceu?

Esqueci o quão hipnotizante ele é, como sua presença faz meu coração apertar no peito. Como minha mente fica em branco quando ele está por perto, assim como acontecia quando eu era criança. Por um breve momento, sou novamente a garotinha à beira do riacho, observando-o se aquecer no calor dourado de um dia de verão. Desejei então que ele sorrisse para mim, mas Semyon nunca sorri.

Quando eu era criança, ele era um super-herói na minha mente. Ele até parecia o Clark Kent, com seu cabelo preto e olhos azul-gelo, tão frio e implacável quanto o inverno siberiano. Eu imaginava que, quando ele tirasse os óculos, ele se transformasse no Superman.

Mesmo sentado, ele comanda a sala com um domínio natural. Suas mangas estão arregaçadas o suficiente para revelar antebraços tatuados, as linhas escuras das tatuagens contorcidas sobre músculos firmes e tensos. Cada movimento é controlado, preciso. As tatuagens em suas mãos são uma promessa silenciosa e letal. Ele parece um homem que nunca levanta a voz... porque nunca precisa.

Ele levanta uma sobrancelha escura com curiosidade.

"Você", eu cuspo, com a voz trêmula de fúria. "Você está sentado aqui no seu trono de mentiras e poder, manipulando todos ao seu redor para seu próprio benefício. Como *ousa* ? "

A sala fica em silêncio, a tensão crepitando como eletricidade, finalmente quebrada por um assobio baixo. Olho para o irmão mais novo de Semyon, Rodion, alguns anos mais velho que eu, balançando a cabeça. Rodion é o curinga da família, definido por sua constituição atlética e charme, com um sorriso perpétuo no rosto.

Ele é o oposto de Semyon em todos os sentidos.

"É ela, irmão?", ele diz, balançando a cabeça. "Você tem muito trabalho pela frente."

Do que diabos ele está falando? Semyon balança a cabeça uma vez para Rodion, que rapidamente se cala. Eu me viro para ele.

" *Você é a razão pela qual minha mãe morreu. Você é a razão pela qual meu irmão está se afogando em dívidas. Você nos arruinou.*" Minha voz treme de fúria. "E agora você ameaça tirar nosso único meio de sobrevivência?" Estou tremendo de fúria enquanto o olhar azul-gelo de Semyon se fixa em mim. Antes de responder, ele toma um longo e lento gole de sua bebida.

"Faz tempo, Anya. Que bom te ver. Parece que você se esqueceu das boas maneiras."

Rodion reprime um bufo, e alguém no fundo transforma uma risada em tosse.

Olho para ele e não respondo. Eu esperava raiva, indignação, um comentário mordaz — qualquer coisa, menos essa indiferença fria e serena.

"Vou deixar seu desrespeito impune desta vez", diz ele friamente. Levantando a mão, ele gesticula para alguém no fundo, que imediatamente corre para encher sua bebida.

"Se você me disser a verdade, por favor. Não foi seu irmão quem me mandou mensagem, foi?" "

Eu balanço a cabeça.

"Então você mentiu para mim", ele afirma, sua voz fria diminuindo alguns graus. Engulo em seco e contendo um arrepio.

"Eu não *menti* para você. Mandeí uma mensagem do celular do meu irmão."

"Fingindo que você era ele, sabendo muito bem, eu não teria revelado minha localização para você."

Meu temperamento explode. A maldita *audácia* daquele babaca insensível. "Porque eu sou mulher? Porque eu não mereço estar na presença de homens como você?"

"Não", ele responde sem nenhum traço de desonestidade. Essa é uma das qualidades do Semyon: ele nunca mentia. Até demais. Às vezes, doía não mentir. "Porque eu jamais teria permitido que você viesse sozinho para um lugar perigoso como este, sem companhia. Você deveria saber disso."

Não consigo deixar de zombar dele. "Como se a minha segurança fosse da sua conta."

Ele perdeu esse privilégio há *muito* tempo.

Ele se levanta lentamente. Eu engulo em seco. Semyon está maior do que eu me lembrava, maior do que quando era menino. Mais forte. Mais alto. Mesmo daqui, consigo ver os músculos definidos em seu pescoço, a força venosa de suas mãos. A sala fica em silêncio enquanto ele se endireita em toda a sua altura. Ele veste uma camisa preta de botões. Mesmo com o medo e a raiva, meus olhos são atraídos para a forma como suas mangas arregaçadas revelam a marca perigosa da Bratva, cada movimento deliberado como o tilintar de um sino de alerta.

"Você verá muito em breve que isso é da minha maior preocupação."

*O que ?*

Não entendo o que ele está dizendo — é incompreensível, irritante. A raiva que fervia como lava derretida dentro de mim enquanto eu subia aqui irrompe, queimando a razão, e o último fio de autocontrole se rompe, tão frágil quanto uma linha de pesca esticada sob um peso enorme.

De alguma forma, me encontro a centímetros dele, sem saber como cheguei ali, alimentada pelo desespero e pela fúria. Estou cega para o perigo ao meu redor, apenas vagamente ciente de seis homens fortes que se levantam e do movimento da palma da mão de Semyon que os segura.

" *Você* ", eu fervo, um lampejo de lembrança me fazendo chorar. Minha mãe, magra e frágil, implorava a Semyon na mesa gasta da minha cozinha. "Você finge que se importa comigo... como se não tivesse virado as costas para a minha família. Como se a morte da minha mãe não fosse sua culpa!"

Eu cutuco meu dedo em seu peito.

Ele me deixa.

"Você age como se estivesse no controle — como se precisasse do dinheiro que meu irmão lhe deve — quando é dono desta cidade inteira e de metade de Moscou. Você age com toda a calma e compostura quando *eu* sei a verdade." Pisco, lágrimas quentes e grossas escorrendo pelo meu rosto. Enxugo-as com raiva. "Você já destruiu as únicas coisas boas que me restavam neste mundo e planeja tirar o que restava? Você é um

*monstro*, Semyon Kopolov, e os homens nesta sala podem lamber seus malditos pés para pegar uma migalha da sua mesa, mas *eu me* lembro. — Aponto outro dedo para o peito dele, irracionalmente irritada por ele não me impedir. — Eu me lembro de quando você ainda era humano. "

Algo que não consigo ler direito cintila por trás dos óculos em seus frios olhos azuis. Arrependimento? Culpa? Não sei dizer, e não importa, porque tudo o que está diante de mim agora é o monstro sem coração que abandonou minha família, que o amava pela insensível Bratva.

"Só estou dizendo, não vou lamber os pés de ninguém", murmura Rodion, o que lhe rende algumas risadinhas e um tapa forte na cabeça de um cara grosso sentado ao lado dele que não reconheço.

Não consigo parar de ferver, não consigo parar de me enfurecer com ele. "Vim aqui para te dizer", sibilo, com a voz embargada, "que não importa quanto poder você tenha, não importa o quão intocável você pense que é, eu sei mais." Meu lábio inferior treme e minha voz falha. "E eu te *odeio*. Você quer a padaria da minha família? Quer entrar e destruir o que sobrou da minha família? Me mate primeiro, Semyon."

Ele envolve meu dedo com a mão e a aperta enquanto fala com uma voz calma e desconcertante: "Já terminou, querida?"

Acrescentando um termo carinhoso? O *babaca absolutamente condescendente*.

Como ele *ousa* ?

Ignoro a sensação quente da mão dele na minha.

"Não", eu digo, fervendo de raiva, porque estou apenas me aquecendo. "Vim aqui para te dizer que, por mais intocável que você seja, nunca será nada mais do que um covarde que se aproveita dos inocentes. Você pode tirar tudo de mim, e ainda terá que conviver com isso."

Rodion murmura algo baixinho, mas o cara sentado ao lado dele - agora posso ver que é seu primo - dá-lhe outro tapa.

O olhar gélido de Semyon me lança com uma leve curiosidade. "Terminou?"

Olho para ele. "Então você não nega? Nada disso?"

O olhar frio em seus olhos é inabalável. "Você vai ficar quieto agora. Eu te dei a sua vez de falar, o que foi mais do que você merecia. Agora é a minha vez."

Dedos fortes envolvem meus pulsos, seu aperto firme, porém controlado, enquanto ele segura minhas duas mãos sem esforço em uma única das suas.

*Droga*.

Meu peito arfa e, por mais que eu lute contra isso, um calor percorre minha pele. Ele pode ser um monstro, mas é lindo.

De perto, ele é avassalador, cada centímetro exalando um macho alfa cru e uma masculinidade irrestrita. A leve sombra de barba por fazer ao longo de seu maxilar apenas acentua os ângulos de seu rosto. Consigo ver que, embora seus olhos estejam distantes, há um fogo ardente em suas profundezas, por trás de sua fortaleza de controle.

Em segundos, eu absorvo tudo: o tecido preto de sua camisa grudado na ampla extensão de seu peito, seus braços e tronco fortes, a maneira como o calor e o poder irradiam dele como um predador pronto para atacar.

Abro a boca para repreendê-lo novamente quando ele toca meus lábios com a mão livre. "Eu disse que é a minha vez, pequena Anya. Você vai ficar quieta e me ouvir agora e não falar mais nada a menos que eu dê Com sua permissão. Se fizer isso, eu te amordaço e dou um show para os meus homens. Entendido?"

Meu queixo cai de indignação, mas ele continua: "Você entrou aqui sem ser convidado. Me desrespeitou na frente dos meus homens. Acha que sabe tudo sobre o meu mundo e quem eu sou, não é?"

Inclinando-me para tão perto. Olho fixamente para seus dentes brancos e perfeitos, que ele me mostra como um lobo com uma energia mal contida. Meus olhos se abaixam. Suas mãos estão cerradas.

Ele está se segurando. Meu coração dispara.

"Deixa eu te dizer uma coisa, Anya", ele diz, baixo e calmo. "Primeiro, um comportamento como esse nunca ficará impune. Você passou dos limites, e haverá consequências."

O medo aperta meu peito quando o aperto em meus pulsos se torna doloroso. Consigo ver a cicatriz que atravessa sua mão da noite em que seus pais foram mortos, e ele tentou salvá-los.

"E segundo. Você realmente não entende nada sobre o meu mundo. Mas está prestes a aprender."

Balanço a cabeça como se pudesse negar e, de alguma forma, fazê-lo ouvir a razão e cair de joelhos, arrependido.

O que eu realmente esperava dele? Não pensei tão à frente.

"Ligue para o Rafail", ele grita para alguém à sua esquerda, que se levanta de um salto, com o celular já no ouvido. "Quero que ele saiba o que vou fazer agora."

Meu Deus. Rafail é o *pakhan da família*, seu irmão mais velho, a besta que governa sua família e Moscou com um punho de ferro.

"Só há uma maneira de garantir a segurança da sua família e saldar essa dívida, Anya."

Eu o encaro. Então ele vai considerar? Posso ter perdido a paciência e entrado aqui sem avisar, mas será que ele realmente me ouviu? Talvez ele tenha um pingão de humanidade, afinal?

"Quer dizer que há uma chance?", pergunto, incapaz de esconder a esperança na minha voz.

"Uma chance de manter intacto o que resta da sua família?" Suas palavras são ásperas, carregadas de uma condescendência que me corta profundamente. Ouço o insulto alto e claro, mas me forço a ignorá-lo. Preciso. Não terei uma segunda chance.

Ele assente, com o olhar indecifrável. "Sim. Mas há alguma chance de sua explosão e desrespeito ficarem impunes? Não."

O medo percorre minha espinha. Sustento seu olhar, mas sua expressão permanece petrificada, uma máscara de autoridade calma que me dá um nó no estômago.

Sua voz fica mais grave, cada palavra é deliberada e pesada. "Você vai se casar comigo."

Por um instante, meu mundo se inclina. Pisco uma, duas vezes, minha mente se esforçando para acompanhar. Certamente ouvi errado.

Estou... atordoado. Casar com meu inimigo mortal?

"Casar com você?" As palavras saem dos meus lábios. Não faz sentido. *Não pode*. Por quê? Por que ele diria isso? Por que ele iria querer isso?

Ele não responde de imediato, e o silêncio se estende. O peso do seu olhar e das suas palavras me mantêm presa no lugar. .

Deixar meu irmãozinho à mercê do meu pai alcoólatra e de quem quer que decida tirar vantagem dele?

"Eu..." Minha voz falha, e eu me obrigo a engolir o nó que se forma na minha garganta.

"Você não pode estar falando sério."

Mas, no fundo, eu já sei a verdade. Semyon Kopolov nunca diz nada que não seja sua intenção.

"Casar com você? Me entregar ao homem que destruiu minha família sozinho? Você não pode me forçar a isso. E eu não consigo imaginar que você queira se casar com alguém que te odeia." Balanço a cabeça. Não é computação.

Ele arrasta o olhar preguiçosamente por todo o meu corpo, demorando-se no meu pescoço, mais abaixo, onde a jaqueta da minha mãe escorregou, revelando a blusa puída que mal cobre meus ombros. Sem dizer uma palavra, ele se inclina como se fosse me beijar. Meu coração dispara, e estou tão confusa com minha reação intuitiva que congelo. Mas ele não me beija. Em vez disso, fecha os olhos e inspira como se estivesse na presença da flor mais preciosa do mundo. Eu a encaro, incrédula.

Ele abre os olhos. "Você consegue pagar a dívida ou não?", pergunta, e a crueldade em sua voz me diz que ele já sabe que eu não consigo.

"Claro que não posso." Mesmo que eu lhe desse cada centavo dos lucros da padaria durante anos, eu nunca conseguiria retribuir.

"Você não tem escolha, então. Sua família não tem mais nada a oferecer." Ele se inclina, com um tom arrepiante. "Não se trata do que você quer, Anya. Trata-se de sobrevivência."

Uma voz ecoa da porta. "Uma boa solução, irmão. Deixe-a conquistar a segurança da família com muito esforço." Viro-me e vejo Rafail Kopolov, o mais procurado de Moscou e o primogênito de Semyon. irmão, encostado casualmente no batente da porta, seu olhar de aço fixo em mim.

Semyon pigarreia. Eu me viro para ele.

"Vou te dar até amanhã para decidir. Mas saiba disso. Se recusar, o sangue do seu irmão e o destino da sua família estarão em *suas* mãos." Ele se vira para Rodion e lhe dá um gesto de xeixo. "Leve-a para casa."



## Capítulo 4

### SEMYON

"VOCÊ NÃO ESTÁ nem um pouco incomodado com isso?" Rafail senta-se ao meu lado e me serve outra dose de vodca.

Franzo a testa. Quando as pessoas esperam uma resposta emocional de mim, tento entender o porquê.

"Incomodado? Com o quê?"

"O que ela disse para você."

Eu zombo e termino a dose que Rafail me serviu. "Não. Só me ajuda a entendê-la melhor."

"Eu não sabia que vocês dois tinham tanta história, Semyon."

Claro que não. Não é algo que eu compartilharia com ninguém. Mas, caramba, eu não sabia que ela me odiava tanto.

"Quando criança, passei anos na casa dela", digo, dando de ombros. "Eu estava melhor amiga do irmão dela. Eu nem sabia que ela se lembrava de mim."

Ainda bem. Não sou alguém feito para o amor, e o ódio dela facilitará muito o nosso acordo... embora provavelmente leve algum tempo para ensiná-la a se comportar.

Ainda assim, suas palavras martelavam o ar ao meu redor. Cataloguei cada movimento e flutuação de sua voz. O jeito como suas mãos tremiam e seu queixo se inclinava em desafio. A inspiração brusca antes de suas acusações. Encaixo cada detalhe na estrutura mental que uso para entender o mundo, mas, de alguma forma... suas emoções cruas eram inesperadas.

Anya. Parada na porta, com fogo nos olhos e a coragem estampada na linha reta da coluna. Faz anos que não a vejo, mas meu corpo reage instantaneamente.

As sardas. O queixo teimoso. A boca com a qual sonhei, mas jurei que nunca tocaria.

Meus dedos se flexionam contra a borda áspera de madeira da mesa, ancorando-me na sensação da madeira laqueada. Familiar. Sólida.

Por que os humanos são tão imprevisíveis?

Preciso de padrões, lógica, razão e controle.

Belisco a ponta do meu nariz e repasso os detalhes novamente.

O jeito como a voz dela falhava quando falava da mãe — um dado. Guardo isso no meu catálogo mental.

O tremor em seu tom deixou um calor desconhecido e desconfortável em meu peito .

Quando ela apontou o dedo para mim, o contato físico foi chocante. Senti a pressão da ponta do seu dedo e ainda consigo sentir o ponto exato onde o toque dela se demorou.

Normalmente detesto intromissões indesejadas, mas permiti que Anya as fizesse.

Por que?

Acho que as palavras dela deveriam ter me deixado bravo ou na defensiva.

*Covarde, monstro. Ódio.*

Elas se repetem na minha cabeça, reverberando, não porque eu acredite que qualquer uma delas seja verdade, mas porque *ela* acredita.

Outra nota.

Interessante.

Ela disse essas coisas por medo e desespero ou ela realmente acredita que elas são verdade?

Isso importa?

O que eu sei é que a família dela tem uma dívida a pagar, e eu pretendo cobrar.

"Ela pode pensar o que quiser, Rafail. Você sabe que é do interesse da nossa família que eu me case com ela, e depois daquele pequeno desabafo... estou mais envolvido nisso do que antes."

Ele solta uma risada e balança a cabeça. "Ela está errada sobre você ser covarde. Você é a pessoa mais corajosa que eu conheço. Mas monstro?" Ele dá de ombros e pisca para mim. "O júri ainda não decidiu sobre isso."

Dou de ombros e registro isso também. Ele pode estar brincando. Pode não estar. Nenhuma das duas coisas afeta a verdade: o comportamento monstruoso é relativo, e a forma como se define um monstro é altamente influenciada pela emoção. .

Emoções não são funcionais. Elas obscurecem o julgamento, retardam a tomada de decisões e enfraquecem as pessoas. Minha memória se apega aos detalhes com facilidade.

Lembro-me da garotinha corajosa que nunca recuava, mesmo quando tudo estava contra ela. Ela se mantinha firme, fosse contra as provocações de Eli ou contra o tom de desdém de um adulto.

Lembro-me de como o cabelo dela brilhava ao sol quando ela pulava pedras perto do riacho. Lembro-me de como a língua dela ficava para fora enquanto ela praticava até o pôr do sol, e sua mãe a repreendia por não desistir até conseguir.

O que não gosto é da imprevisibilidade das emoções dela e do caos que elas trazem. Meu mundo é organizado e previsível, e não vou deixar nem a mulher mais bonita que já conheci mudar isso.

Repenso a aparência dela parada diante de mim — o cabelo ruivo preso num coque bagunçado, os olhos castanhos brilhando para mim. Ela está muito menor do que eu lembrava, mas acho que estou maior agora. Mesmo assim, sua presença preenchia o ambiente como uma tempestade.

*Minha tempestade.*

Lembro-me do calor que me subiu ao peito e das minhas mãos que agiram por conta própria. Ela tem a capacidade de me fazer agir de uma forma que ninguém mais conseguiu.

Ligo para minha irmã Yana. Ela atende ao primeiro toque. "Temos um casamento para planejar. Nada de especial, Yana. Quero que seja breve e formal, apenas com nossa família e amigos."

"Foi o que ouvi. Tem certeza?", ela pergunta, com a voz, como sempre, carregada de sarcasmo. "Porque eu estava prestes a reservar "Vá para o Kremlin e encomende tiaras combinando para todos. Você está acabando com a minha visão, Semyon."

"Yana."

"Tudo bem. Estou cuidando disso."

Eu havia planejado meu encontro com Anya com precisão cirúrgica, e sua chegada repentina esta noite destruiu esses planos. No entanto, algo em sua paixão e fúria...

Estou lutando contra a vontade de... sentir.

E é isso que mais me assusta.



[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

## Capítulo 5

### ÂNIA

MAL CONSIGO PROCESSAR como cheguei em casa. Não conheço bem o irmão do Semyon, Rodion. Ele era jovem quando os pais morreram, e sempre tive a impressão de que o Rafail o mantinha perto de casa. Semyon era o único da família que vinha à nossa casa. Eu sei que o Rodion se casou com uma mulher dos Estados Unidos. Mas todo mundo sabe quando um homem da Kopolov Bratva se casa.

Acho que eu poderia gostar de Rodion se conversasse com ele. Ele parece o mais gentil dos três irmãos, embora eu já devesse saber que minhas primeiras impressões sobre as pessoas *são péssimas*.

Mas estou entorpecida agora. Não retribuo a tagarelice dele nem respondo às suas perguntas, e, eventualmente, ele para de falar comigo. Ele é um cara grande, tão alto quanto o Semyon, mas mais corpulento, então ninguém nem pensa em nos incomodar na volta. Quando chegamos à minha casa, suas sobrancelhas se erguem em surpresa antes que ele esconda a expressão. .

Eu sei. É uma merda total e provavelmente parece ainda pior para um homem rico e poderoso como ele.

"Você precisa de... ajuda para fazer as malas ou algo assim?" ele pergunta, com uma expressão quase infantil, como se não soubesse o que fazer na presença de uma mulher perturbada.

Percebo o brilho dourado em seu dedo e o encaro. "Não concordei em me casar com seu irmão."

Desta vez, ele não se dá ao trabalho de esconder a reação. "Seria um erro grave não fazê-lo, Anya."

"É o que você pensa."

Ele balança a cabeça. "Você não entende. O Semyon é frio, eu sei. Às vezes, me pergunto se ele é realmente humano. Ele não... sente as coisas como os outros. Mas se você se casasse com ele, ele garantiria que você tivesse o que precisava. Eu sei que sim."

Afasto-me dele para disfarçar a emoção crua no meu peito. "O que você ou seu irmão sabem sobre o que eu preciso?"

Ele suspira. "Você seria muito burra se não aceitasse essa oferta."

Claro que vou aceitar a oferta dele. Será que tenho mesmo escolha? Só não quero dar a ele a satisfação de ceder tão rápido quando eu nem tive a chance de processar isso sozinha.

Cerro os dentes, enfio a chave na fechadura instável que Rodion observa de soslaio sem se dar ao trabalho de fingir que não está, e abro. "Obrigada por me acompanhar até em casa e pelo conselho não solicitado", digo com um sorriso forçado antes de fechar a porta na cara dele, tentando ignorar o quanto ele se parece com o seu... Caramba, irmão. Um truque maldoso do universo, deixando os monstros tão lindos.

*Argh!*

Pressiono a testa contra a porta fria para conter o tremor. Não adianta. Cerro os punhos para conter as lágrimas que *virão* agora que estou sozinha. Não adianta. Afundo no chão, desabar em prantos e me entrego aos soluços. Eles me atormentam, meus ombros tremendo, lágrimas profundas e pesadas que parecem ter sido arrancadas diretamente do meu coração. Eu me entrego a todos os medos e à raiva que venho guardando há tanto tempo.

Estou furiosa com meu pai por ser um babaca fraco que se importa mais com a próxima garrafa de bebida do que com os próprios filhos. Odeio meu irmão por não ser melhor que meu pai, por trair a família e nos deixar à própria sorte quando ele poderia ter se saído muito melhor.

Ele costumava ser meu melhor amigo.

Gregário e charmoso, ele poderia convencer um castiçal a se apaixonar por ele. Juro que Semyon e eu somos os únicos que o enxergam como ele se tornou.

Estou com muita raiva do Semyon por usar o infortúnio da minha família para ganho pessoal, por se recusar a recuar e se comprometer. Por me levar à beira do colapso.

Um novo soluço me escapa. Limpo a mão no nariz escorrendo enquanto lágrimas quentes caem no chão, porque me odeio pela próxima pessoa em quem minha raiva se concentra: minha mãe. Estou com raiva *dela* por morrer e me deixar carregar o fardo disso sozinha.

Choro até que a fonte de mágoa, raiva e medo dentro de mim comece a se dissipar. Até meus olhos ficarem inchados e arranhados, meu Minha cabeça parece duas vezes maior que o normal e dói, e estou com o nariz entupido demais para respirar. É tolerável quando o choro te deixa aliviado, como se uma pressão tivesse sido aliviada. Mas quando você termina um bom choro e ainda se sente tão desolado quanto antes... não é um choro bom de jeito nenhum.

Eu me levanto e olho ao redor. Meu pai está desmaiado na cadeira, com um fio de baba escorrendo dos lábios. Que bom. A única coisa pior do que perder a cabeça é perder a cabeça e saber que ele não se importa.

Os pratos que deixei ainda estão empilhados na pia. A luz debaixo da porta de Stefan está apagada.

Fecho os olhos, com um nó se formando na garganta, e pego o celular. Com os dedos trêmulos, ligo para Ophelia. Cai na caixa postal.

Largo o celular. Nunca me senti tão sozinha na vida. Levanto-me com um empurrão quando o telefone começa a vibrar. Estendo a mão para pegá-lo, a esperança crescendo em meu peito, e contenho um soluço ao ver o nome de Ophelia.

Respondo imediatamente. "Você está bem? O que houve?", ela pergunta, com a voz ainda marcada por aquele ceceio que ela tenta corrigir há anos.

Soltei um soluço. " *Não.* " Conto tudo a ela. Como a boa amiga que é, ela ofega, grita, xinga e geme em todas as partes certas, e quando termino, ela solta um suspiro trêmulo.

"Meu Deus. *Anyá.* O que você vai fazer?"

"Tenho escolha?", pergunto, fungando em meio a uma nova onda de lágrimas. "Mas não posso deixar Stefan aqui."

Ophelia fica em silêncio por um momento antes de sua voz se elevar, repleta de seu otimismo equivocado de sempre. Normalmente, eu gosto, mas esta noite...

"Escute, talvez você não precise se casar com ele. Talvez... pare. Diga a ele que vai pensar no assunto, e aí talvez a gente possa dar um jeito. Você pode... contratar um advogado! Ou... ou talvez você possa pegar o Stefan, largar o seu pai inútil e fugir. Mudar de nome, se mudar para outro país. Canadá? Ninguém te procuraria no Canadá. É tão frio."

Eu rio em meio às lágrimas, mas soa amargo e desesperado. "Garota, eu não tenho dinheiro nem para a passagem de ônibus, muito menos para passaportes falsos e tudo o que eu precisar. E por quanto tempo eu poderia me esconder deles? Ele me encontraria antes mesmo de eu sair da cidade."

Ela não conhecia o Semyon como eu. Não sabe o quão focado ele era quando queria algo, o quão determinado ele era quando mirava em um alvo.

Eu faço.

"Eu posso... eu posso te emprestar um dinheiro. Tenho um dinheirinho guardado, eu poderia..."

"Querida. Eu te amo", digo, engolindo um soluço. "Eu te amo tanto. Mas não. Correr não é uma opção."

Não posso dizer a ela que deixar a padaria que minha mãe fundou me destruiria. Eu não podia fazer isso com ela. Eu estava lá no dia em que ela abriu as portas. Fui eu quem sentou no balcão da cozinha, balançando os pés, enquanto ela me ensinava a fazer a fermentação do pão, me mostrava a cor perfeita da manteiga cremosa, e quando ela me ensinou os meandros de fazer o pão de fermento perfeito.

Seria como enterrar minha mãe novamente.

"E se você... E se você fingir estar realmente doente? Talvez por trás dessa aparência severa, o homem realmente tenha um coração." Na minha mente, vejo seus olhos frios e inexpressivos.

Ela não tem ideia.

"Talvez se ele souber que você está tipo... morrendo de câncer ou algo assim, ele mostre um pouco de misericórdia. Você poderia fingir?"

"Ofélia", digo pacientemente. "Ele é um dos homens mais poderosos da Rússia. Você sabe disso."

"É por isso que eu acho que você é muito corajoso ", ela interrompe.

Ugh, onde foi que essa coragem me levou?

Concluo: "...e ele teria acesso a médicos que deixariam bem claro que não estou à beira da morte. E depois?"

Ela suspira. "Certo. Deus."

A voz dela se perde. É raro ela ficar sem palavras.

"Quanto tempo ele te deu?"

Olho para o relógio quebrado no fogão da cozinha, que está faltando meio dígito, e semicerro os olhos.

"Restam-me vinte e três horas."

Conheço Semyon bem o suficiente para saber que ele quis dizer isso literalmente.

Seu silêncio se estende por longos momentos antes que ela finalmente sussurra: "Anya, tudo o que posso te dizer é... Eu vou cuidar do Stefan. Não vou deixar seu pai negligenciá-lo."

Engulo o nó na garganta. Stefan se vira com meu pai; disso eu sei, já que ele já passou horas suficientes sem mim aqui para se virar sozinho. E embora meu pai seja um babaca egoísta e inútil, ele não o machuca.

"Obrigada", sussurro. A palavra fica suspensa no ar entre nós. "Preciso ir."

Talvez eu consiga dormir um pouco e, quando eu acordar, o universo magicamente me apresentará as respostas para os meus problemas.

Talvez não.

Não posso correr. Sei que é inútil. O alcance do Semyon é muito grande, seu controle é absoluto demais.

*É exatamente disso que tenho medo.*

Vou para a cama, enterrando meus sonhos de infância de amor verdadeiro. De liberdade. De esperança.

Tenho apenas algumas horas antes de acordar e ir à padaria.

Nos meus sonhos, quase me afogo no riacho perto da minha casa. Grito por alguém que me ajude.

Ninguém faz isso.

Acordo ofegante, com o leve fio de luz da manhã entrando pela janela.

Minha cabeça lateja de dor de cabeça. Meu estômago arde de náusea. .

Fico tranquila sabendo que meu maior medo — não ter alguém para cuidar de Stefan — será aliviado com a ajuda de Ophelia.

"Eu me caso com ele", murmuro para o quarto vazio. Balanço a cabeça e faço um voto.

"Mas terei condições. E ele vai se arrepender de ter concordado com isso."



## Capítulo 6

### SEMYON

"ELA NÃO VAI USAR o vestido, Semyon."

Fico em frente ao espelho e ajeito a gravata. Minha irmã Yana está parada na porta atrás de mim, com o corpo esguio encostado num dos lados e os braços cruzados. "Eu tentei." Seu tom é ríspido, seco. Não é o seu costume.

Viro-me para encará-la. "Que diabos ela está vestindo?"

"Um vestido", diz Yana friamente, com os lábios franzidos. "Simples. Simples."

Solto um suspiro, ajeitando os punhos da minha camisa. "Como se eu me importasse." Sei que minhas palavras são de desdém, e quero que sejam. Que diferença faz o que ela veste? O que importa é o acordo — a estrutura que ele consolida.

Mas Yana não se move, não responde nada. Seu silêncio parece carregado e contundente. Eu catalogo sua reação como faço com tudo e me viro para encará-la.

Por que me importo com o vestido de Anya? ?

A única coisa que ela usará *esta noite* é meu anel.

Desvio o olhar de Yana quando um desconforto desconhecido aperta meu peito. Anya — a linda e teimosa Anya — será minha esposa e tudo o que isso implica. Ela não poderá mais fugir de mim.

"Algum problema?", pergunto, olhando-a de frente. Mantenho o tom calmo, mas direto e calculado. Se houver algum problema, eu o abordarei, consertarei e seguirei em frente. Como sempre faço.

Os olhos de Yana se estreitam e seus braços se apertam enquanto ela me encara. "Meu *problema*, idiota, é que você está tratando ela como se ela fosse uma daquelas suas peças de xadrez idiotas que você pode empurrar pelo seu maldito tabuleiro de xadrez."

Pisco, surpresa. "É porque ela é. Você anda lendo aqueles livros de romance que a Zoya sempre fala? Esqueceu quem eu sou? Este casamento é uma jogada estratégica e, sinceramente, acho que você, mais do que ninguém, entenderia isso. Na verdade, estou sendo gentil com ela."

Ela aperta o maxilar. "Você consegue se ouvir? Ela não é só um movimento no tabuleiro. Ela é um *ser humano*." Semyon."

Minha mente dispara para analisar a reação dela, mas as peças não se encaixam. Yana não costuma agir assim. "Estou garantindo a sobrevivência da família dela. Não é nada pessoal."

"Exatamente *o que eu quis dizer*", diz Yana, fazendo um som de desgosto. "Casamento! Não é algo pessoal? Você já considerou que talvez devesse ser?"

O que diabos ela quer de mim?

Balanço a cabeça. "O que você quer que eu faça, então?"

Yana me encara. "Você está falando sério agora."

"Mortal."

"Tente entendê-la. Tente trazer um fio de compaixão à mesa. Talvez, só talvez, você seja mais do que a sombra fria de Rafail." Sua voz se abaixa e suaviza, junto com o olhar que ela me lança. " *Eu sei que você é. Você foi a primeira pessoa a quem contei quando descobri a verdade sobre mim mesma. Foi você quem me ouviu quando eu estava confusa e assustada. Foi você quem me ajudou a preencher a lacuna com Rafail. Eu sei, lá no fundo, que você não é tão fria quanto todos dizem.*" Ela balança a cabeça. "Eu sei que há mais em você do que todos pensam. Mas será que ela é?"

Mais do que... todo mundo pensa?

Eu me importo?

Rafail vem até mim em seguida. "O que foi tudo aquilo?"

Solto um gemido de desgosto. "Uma divertida palestra no dia do casamento sobre compaixão e humanidade. Eu disse a ela que estava lendo romances demais, e isso não pegou muito bem."

Rafail bufa e gesticula. "Ela está aqui. Ouvi os detalhes do que aconteceu ontem à noite. Você tem algum plano?"

"Para que?"

Ele estende a mão e ajusta minha gravata, o que é estranho, considerando que ele nunca faz esse tipo de coisa, e eu não teria saído do quarto se ele já não estivesse perfeito.

"Pelo que você vai fazer com ela depois de se casar."

Franzo a testa para ele. "Consumar o casamento, obviamente."

No fim das contas. Não tenho interesse em uma transa furiosa.

Ou vários .

"Jesus", ele murmura. "Você sempre tem que ser tão literal?"

Pisco para ele e dou de ombros. "Sim."

"Um exemplo claro." Descemos as escadas em direção ao pequeno grupo de nossa família, vestidos formalmente, prontos para o casamento, mas as palavras de Yana ecoam em minha mente... *A sombra fria de Rafail.*

Ela não sabe que vou me casar com Anya porque sou tão comprometido com a estabilidade da nossa família quanto ele?

Rafail continua: "Quer dizer... você já pensou em algo para *depois* do casamento?"

"Sim. Vou levá-la para a minha casa. Estabelecer o horário dela na padaria com um guarda armado com ela o tempo todo. Analisar as finanças da família dela e ver onde diabos eles erraram e consertar essa merda. Deixar claro que ela é minha agora."

Rafail concorda. "Interessante."

Solto um suspiro. Se as pessoas dissessem o que realmente pensam, seria mais fácil.

"Por quê?"

"Porque, com base no que os homens disseram sobre ela ontem à noite, parece que você terá muito trabalho pela frente."

"Como assim?"

"Ela é desafiadora pra caramba."

Concordo com a cabeça e contendo um grunhido. Não tenho tempo para essa merda.

"Certo. Ensinar a ela o seu lugar é fundamental. Seria chato se ela não reagisse."

Rafail não responde a princípio, mas finalmente concorda. "Claro que você diria que."

Eu disse às minhas irmãs para manterem a simplicidade, e elas me ouviram. A sala de estar do The Cottage, a grande e espaçosa casa de família que herdamos após a morte dos meus pais, parece intocada. Parece a nossa casa, não um local de encontro.

A festa de casamento se resume ao essencial: um celebrante parado junto à janela, os guardas armados posicionados do lado de fora, visíveis através do amplo vidro. A esposa de Rodion, Ember, segura sua câmera e me acena com reserva quando entro. A fotógrafa da família, ela tem um olhar atento aos detalhes. Aponto um dedo para ela.

"Sim?", ela diz em voz baixa ao me alcançar, tentando manter nossa conversa em segredo. Uma tarefa difícil em uma família grande e intrometida como a nossa. Ela coloca uma mecha rebelde de cabelo ruivo-choque atrás da orelha e pisca para mim, visivelmente assustada. "O quê?"

Nenhuma dessas fotos vaza sem que eu as veja primeiro. Tirem muitas. Não mostrem a ninguém.

Seu maxilar se contrai e seus lábios se apertam com força. Eu também me lembro disso. As meninas não estão nada contentes comigo hoje.

Talvez eles fiquem muito felizes com a estabilidade da nossa família e os limites de crédito dos seus malditos cartões de crédito.

Rafail permanece estoico e orgulhoso ao lado de sua esposa, Polina, a princesa da família Romanova. Seus longos cabelos loiros caem sobre suas costas, e seus olhos azuis encontram os meus com frieza e indiferença. Quando olho para trás, ela desvia o olhar.

Vejo Anya parada na minha frente e paro. Ela veio até mim, enrolada num casaco velho, o cabelo preso num coque desleixado. Não usava maquiagem, mas sua fúria fez suas bochechas ficarem rosadas e faíscas de fogo brilharem em seus olhos. .

Yana disse a verdade. Anya usa um vestido simples, provavelmente emprestado ou herdado, cujas linhas modestas não escondem as curvas suaves. Meu olhar se arrasta sobre ela, notando como seu decote expõe a delicada linha de sua clavícula. Seu cabelo está preso frouxamente, sem maquiagem ou joias. Observo cada detalhe — a maneira como ela ergue o queixo em desafio, como se esperasse uma reação à sua chegada.

*Sinto muito decepcioná-la, Anya. Não me importo.*

O jeito como ela olha por cima do ombro para os guardas na porta. O jeito como ela encara a minha irmãzinha Zoya, como se estivesse buscando segurança.

O jeito que ela não corresponde aos meus.

A cerimônia é curta e estéril. Votos. Ela finalmente me encara, e seu tom é venenoso, mas eu a ignoro como ignoraria uma criança fazendo birra. Ela pode cair no chão e bater com os punhos pequenos, que eu não me importo.

Mas a verdade é que... ela fica linda quando está furiosa e completamente alheia ao poder que detém naquele momento. Cerro o maxilar, mal conseguindo conter a vontade de agarrá-la e mostrar exatamente o que significa me desafiar.

Deslizo o anel em seu dedo, meu polegar roçando sua pele macia. Ela estremece, e digo a mim mesmo que é porque ela está com frio, que não tem nada a ver comigo. Talvez ela também sinta isso.

Sua respiração falha antes que ela consiga se conter, um som tão suave que eu poderia ter imaginado, não fosse o rubor de suas bochechas. Por um breve segundo, nossos olhares se cruzam, e a sala e seus aplausos vazios se esvaem.

Então ela puxa a mão para trás .

Meu coração bate contra minha caixa torácica como um aviso.

Anya é minha esposa.

*Ela é minha.*

De pé diante de mim, com um vestido.

E ela me odeia pra caramba.

Ótimo. Ela deveria. Se soubesse o quanto eu a queria, ela teria corrido.

"Parabéns", ela diz com os dentes cerrados enquanto nos viramos para a câmera, tão rígidos um ao lado do outro quanto recortes de papelão.

"Para que?"

"Por vencer o jogo", ela sussurra.

"Ah, querida", sussurro de volta. "Que fofo você achar que o jogo acabou. Ele só começou."

Sua inspiração rápida me diz que eu a perturbei, mas ela disfarça rapidamente. Mas não consegue esconder o rubor que lhe sobe pelo pescoço.

Meu olhar percorre o quarto em busca de uma saída. Eu disse que não teríamos recepção para nós dois. Que eles possam curtir a noite toda, que eu não me importe.

"Por aqui." Pego a mão dela bruscamente na minha e a puxo para que ela corra para me acompanhar.

"Para onde estamos indo?"

Ember tira fotos, e Rodion observa com uma expressão indecifrável no rosto.

"Para casa, Anya. "

Eu a puxo para o saguão e marchoo com determinação em direção à porta. Nossos homens abrem as portas duplas para nós e se afastam em meio a votos formais de felicitações. Concordo com a cabeça, mal os reconhecendo.

"Você não tem motorista?", ela pergunta quando a levo até o carro estacionado e esperando na calçada. "Achei que você praticamente teria contratado gente para limpar sua bunda."

Não me preocupo em responder e só clico no controle remoto para destrancar a porta quando Rafail chama atrás de mim.

"Semyon."

Viro-me para encará-lo. Ele acena para mim, com as mãos enfiadas nos bolsos. "Tem certeza de que não quer ficar e pelo menos tomar um drinque?"

Por que eu faria isso? Tenho meus favoritos em casa.

Balanço a cabeça. "Hoje não."

"Parabéns", ele finalmente diz. "Entraremos em contato."

Vamos.

Fiquei surpreso ao ouvir o clique de uma porta de carro se abrindo atrás de mim. Quando me viro para encará-la, Anya está abrindo a própria porta antes de se sentar no banco do passageiro com uma carranca.

Desta vez, deixo passar, mas ela precisa saber que isso não vai dar certo. Encosto-me na porta do carro, ocupando o espaço dela e prendendo-a.

"Nunca mais faça isso, Anya", digo, com a voz suave, mas carregada de firmeza. "Ou teremos um problema."

O ar entre nós está carregado, elétrico. Por um segundo, Parece confusa quando uma expressão de genuína curiosidade cruza seu rosto. "Fazer o quê?"

Ela realmente não sabe?

"Abra a porta do seu próprio carro. É *o meu* trabalho." Baixo a voz. "Estamos entendidos? Se fizer isso de novo, você e eu precisaremos conversar."

Ela pisca, desarmada. Gostaria de saber o que estou fazendo para que ela me olhe daquele jeito. Por um instante, ela abaixa a armadura.

Gostei. Quero dizer para ela fazer de novo, mas não sei por que ela fez.

"Certo", ela finalmente sussurra, engolindo em seco. "Certo."

Concordo com a cabeça. "Paciência. Seja paciente se eu estiver ocupada." Imagino se ela precisa de mais explicações. "Você é minha agora."

Ela não conhece as regras? As expectativas? Ela pode me odiar, brigar comigo, me desafiar o quanto quiser, mas nunca estará insegura. Como minha, ela estará protegida de maneiras que nem percebe. Eu andarei do lado de fora da rua. Abrirei a porta do carro dela. Quando estivermos em público, conhecerei cada saída, cada perigo em potencial, notarei cada homem cujo olhar se detenha nela por muito tempo. Ela não precisa gostar de mim, mas estará segura, quer queira minha proteção ou não.

Preciso me lembrar de que ela não cresceu como eu. O pai dela é um bêbado babaca, e o irmão dela é um babaca egoísta. Enfim. Ele nem sempre foi assim.

Lembro-me de ver a mãe dela trabalhar arduamente para manter a padaria funcionando enquanto o marido desperdiçava os lucros. .

Não. Anya não entende minhas expectativas, mas ela entenderá.

Fecho a porta do carro dela e sento no banco do motorista. Dirigimos em silêncio pelos primeiros cinco minutos. Estou intensamente ciente da presença dela ao meu lado — o farfalhar sutil do seu vestido quando ela se mexe, o leve aroma de frutas cítricas e peônias e algo distintamente *dela*.

Pela primeira vez, permito-me assumir plenamente o fato de que ela é minha esposa. Isso desperta algo profundo e primitivo em mim. Agarro o volante para me firmar.

"Espera aí, então você não mora mais no The Cottage? Pensei que a gente moraria lá."

Não. Mudei-me para uma casa própria há alguns anos, então não moro mais lá. Mas passo muito tempo lá. Ainda é a casa da minha família.

"Oh."

Ela treme no banco do passageiro ao meu lado, apertando ainda mais o casaco fino. Sem pensar, pego os controles de temperatura, ajustando o aquecimento para ela.

Ela percebe. Seus lábios se abrem levemente, como se ela quisesse dizer algo, mas não diz.

Um instante se passa. Ela estende a mão para ligar o rádio do carro, mas eu afasto sua mão. "Deixa pra lá."

"Eu gosto de música."

"Não enquanto eu estiver dirigindo."

" *Não enquanto eu estiver dirigindo* ", ela bufa, me imitando baixinho com uma voz mesquinha e uma expressão azeda no rosto. Minha mão dispara e agarra seu pulso. o contato repentino a congela, seu pulso palpita sob meus dedos.

Ela está com medo? O pai dela a machucou? Eu vou matá-lo.

Mas eu não a solto. "Você gosta de me testar, Anya?", aperto o volante com uma das mãos. "Você gosta de testar os limites da minha paciência, ou o sarcasmo é só um talento seu?"

Ela zomba. "Se o sarcasmo queimasse calorias, eu seria magérrima."

"Graças a Deus que não."

Ela me lança um olhar de soslaio enquanto viro à esquerda e vou para casa. Não estamos longe.

"O que isso significa?"

"Significa que gosto da minha esposa com curvas."

Anya faz um som de desgosto, cruza os braços e afunda na cadeira. "Você ao menos sabe mentir?"

"Eu poderia aprender qualquer coisa se fosse útil. Mentir é perda de tempo e energia."

Ela não responde enquanto estaciono o carro. "Bem-vinda de volta."

"Este nunca será meu lar, Semyon."

Viro-me para encará-la. "Paciência não é algo que eu tenha me importado em cultivar, Anya. Mas continue insistindo, e você verá exatamente o quão pouco me resta."

Sua respiração falha, seu desafio tremeluz enquanto ela se inclina em minha direção antes de se recompor e se afastar.

Eu não terminei .

"Não vou exigir muito, mas seu respeito é inegociável."

"Respeito!", ela se irrita. " *Respeito* ? Você não me assusta, Semyon. E respeito não se exige, se conquista."

"Pensamento fofo. E impreciso."

Abro a porta do meu carro e paro, olhando para ela para ter certeza de que ela não vai me desobedecer e abrir a própria porta. Observo seus dedos agarrarem a maçaneta, e ela se vira para me olhar.

"Você é tão imatura e mesquinha assim?" Balanço a cabeça, mas não a aviso mais. "Se você se comportar como uma criança, eu te trato como uma, Anya."

A cor inunda suas bochechas. Ela abre a boca para protestar, mas depois a fecha com força, como se estivesse pensando duas vezes antes de responder. E quando saio do carro, caminhando lentamente até ela, ela permanece sentada, obediente, me esperando.

*Boa menina.*

Abro a porta dela, observando seus olhos semicerrados fixos em mim. Ela não gosta de se submeter a mim. Me deixa duro pra caralho saber disso, saber que serei forçado a puni-la.

O fogo corre pelas minhas veias como lava derretida. Não sou um homem capaz de amar, então um pensamento como esse nem sequer está em pauta. Não faz parte da minha química. Eu sei disso.

Mas tesão? Eu cobiço Anya desde antes de ser o certo, quando ainda éramos jovens demais para qualquer coisa que se aproximasse de um relacionamento. Um dia, pisquei, e a irmãzinha da minha melhor amiga não era mais uma criança, mas uma mulher com quadris cheios e curvilíneos, uma barriga macia e seios que imploravam para serem pesados na minha palma, seus mamilos ansiando pela minha boca e meus dentes. .

Vejo sua mão delicada agarrar a parte externa da porta enquanto ela se move para sair do carro, mas pigarreio com um *estalo* e um balanço brusco da cabeça. Seus lindos olhos se estreitam em mim.

"Eu não abri a porta", ela diz com a voz tensa enquanto ignora meu aviso e sai do carro. Eu fecho o pequeno espaço entre nós. Suas costas batem na lateral do carro. Num movimento rápido, entrelaço meus dedos na borda de seu pescoço, minha palma muito maior que a coluna esbelta de seu pescoço, envolvendo-a facilmente. Eu a seguro ali, apoiada na minha palma, suas costas pressionadas contra a porta.

"Estamos casados há pouco tempo, Anya", sussurro em seu ouvido. "Mas nos conhecemos há muito mais tempo, não é?"

Seu olhar percorre minha mão, meu braço e sobe até meus olhos. Ela está se esforçando para conter a raiva, mas não consegue esconder o medo que brilha em seus olhos.

"Não", ela sussurra. Sua resposta me pega de surpresa.

Não?

"Eu sabia quem eu pensava que você era, Semyon. Mas o garoto que eu conhecia já se foi há muito tempo. Eu não te conheço de jeito nenhum."

Esperta. Mas ela está enganada. Homens como eu não mudam.

Balanço a cabeça lentamente. "A única coisa que mudou entre nós é como você me vê. Eu sempre fui exatamente quem eu sou. A diferença agora é o equilíbrio de poder entre nós."

"Você sempre foi o mestre na manipulação das palavras, não é?" ela retruca, com o tom cortante.

"De jeito nenhum. Eu não manipulo nada. Não precisa. Eu falo a verdade e não me preocupo em adoçar a pílula." Eu me inclino, minha voz no ouvido dela. "Então ouça com atenção, pequena Anya."

Ela se mexe desconfortavelmente. Ótimo. Eu a quero desconfortável. Questionadora. Desequilibrada.

Preciso de controle.

"Você fez seus votos a mim na presença da minha família para salvar a sua. Isso exigiu coragem, mas você não tinha muita escolha. Eu permiti que você se rebelasse. Não puni seu desrespeito. *Ainda*."

Seu pulso acelera sob minha mão, e meu pau ganha vida.

Mas agora estamos na *minha* casa. Tenho pessoas trabalhando para mim. Funcionários. Homens sob meu controle que juraram suas vidas a mim. Aqui, pequena Anya, não me desrespeite. Eu prometo que, se o fizer, eu a *punirei*. Sei que você não foi bem educada com as expectativas do meu mundo, então considere esta sua primeira lição.

Flexiono a palma da minha mão e me inclino sobre o antebraço, prendendo-a enquanto encaro ela.

Seu olhar ardente se fixa no meu, me desafiando de uma forma que ninguém jamais ousou. Ela é menor, frágil, mas se mantém firme como se fosse feita de ferro e aço. Uma rainha por si só.

"E o que isso significa exatamente, Semyon?" Sua voz é baixa e cortante. "Me punir como? O que mais você pode tirar de mim?" Ela não consegue esconder o tremor do lábio inferior. .

Catalogo cada respiração, cada micromovimento. Imagino-a amarrada na minha cama, algemada e vulnerável. Imagino-a chutando as pernas sobre o meu colo enquanto lhe ensino boas maneiras. Imagino-a gritando meu nome e implorando para gozar enquanto eu seguro o prazer e a faço merecer o clímax.

Suspiro e passo o dedo pela curva do seu lábio inferior. Está seco, um pouco rachado. Ela trabalhou longas horas na padaria e deixou de lado seus cuidados pessoais.

Observado.

"Você não parece ter medo de mim, pequena Anya."

Sua voz é baixa, mas sua postura é firme quando ela responde: "O que há para temer quando você já perdeu tudo?"

Ah, ela não perdeu tudo.

"Tão dramático. Pensei melhor de você." Tiro a mão do pescoço dela e a coloco do outro lado da cabeça dela, para que ela fique presa embaixo de mim. "Mas você esqueceu de uma coisa."

Ela não morde a isca. Não responde. Apenas me encara, tentando desesperadamente esconder o medo.

"Eu não jogo pelas regras."



## Capítulo 7

### ÂNIA

*CAMINHEI PENOSAMENTE até a casa, esfregando os olhos com as palmas das mãos. Não queria que ninguém me visse chorar. Chorar era sinal de fraqueza. Minha mãe estava no trabalho — ela tinha acabado de abrir a padaria — e meu pai... eu esperava que ele não estivesse em casa.*

*O sol se filtrava por entre as árvores, quase me cegando porque, aos doze anos, eu ainda era baixinha demais para enxergar qualquer coisa. Só precisava chegar em casa, encontrar um curativo e ficaria bem.*

*Ouvi vozes vindas dos fundos da casa, e eu as reconheci imediatamente. Droga. Era tarde demais para me virar — eles já tinham me visto. Semyon e Eli. Virei-me e fui em direção à porta da frente, mas eles estavam remexendo em alguma coisa, escondendo-a debaixo de uma pilha de livros. Não me importava o que fosse — um cigarro, uma revista de sexo, poderia ser qualquer coisa. A única coisa que importava era que eles não me viam. .*

*"Anyã?", a voz do meu irmão percorreu a curta distância. Não respondi e continuei andando. Ouvi Semyon dizer algo para Eli em voz baixa, e Eli juntou um monte de coisas e correu para os fundos da casa. Foi Semyon quem veio me buscar.*

*"Anyã, o que você..." Ele congelou ao me ver — meus joelhos ensanguentados, escoriações nos braços, lágrimas brotando dos meus olhos. Desviei o olhar.*

*E então ele correu. Ele correu até mim. Ninguém nunca tinha corrido até mim antes.*

*"Quem fez isso com você?" Eu já sabia que ele fazia parte da Bratva, então é claro que Semyon pensou que alguém tinha me machucado.*

*Balancei a cabeça. "Ninguém fez isso comigo."*

*Contei a verdade, mas percebi que ele não acreditou em mim pela forma como seus olhos escureceram de dúvida. Sua linguagem corporal falava mais alto que palavras.*

*Engoli em seco, presa na intensidade do seu olhar, na tempestade por trás daqueles olhos azuis glaciais. Parecia que, naqueles poucos segundos que se passaram entre nós, ele estava ponderando suas opções. O encarei, meio paralisada.*

*"Vamos te limpar." Ele se abaixou, chegando mais perto de mim do que nunca, e me pegou em seus braços sem esforço.*

*Abri a boca para protestar, mas fui pega tão de surpresa que não consegui dizer nada. Aquele era o Semyon. Tão perto. Tão forte e inflexível. Protetor.*

*Seu aperto era firme e constante, mas surpreendentemente gentil enquanto ele me carregava como um bebê, seu peito firme e quente por baixo minha bochecha. Quando ele tinha se tornado assim? Semyon não era o garoto magricela que seguia o irmão mais velho, sombreado pela dor e pelo dever.*

*Ele era um homem agora. Um homem de verdade, mais velho que eu, comprometido com o dever e a família... e agora me abraçando como se eu fosse importante.*

*"Semyon...", comecei, mas as palavras morreram em meus lábios. Seu rosto estava mais próximo do que nunca, e a intimidade daquele momento me abalou completamente.*

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Unveiled: A Dark Arranged Marriage Maf..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).